

# VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR  
52 - entrada - 52

## CORTE

|           |         |
|-----------|---------|
| Trimestre | 5\$000  |
| Semestre  | 10\$000 |
| Anno      | 20\$000 |

## PROVINCIAS

|          |         |
|----------|---------|
| Semestre | 11\$000 |
| Anno     | 22\$000 |
| Avulso   | 1\$000  |



Um membro do conservatorio astro... não... dramaticos procurando  
ver se ha manchas nas duas novas estrelas de 976. Arnaud.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 23 de Setembro de 1871.

Uma nova prorrogação ainda não bastou para levar ao porto de salvamento a questão da emancipação, a qual na hora em que escrevo ainda dá com bem difficuldade os primeiros passos da segunda discussão no Senado.

E são dez artigos!

Este é que foi no meu entender o unico erro do governo.

Erro gravissimo!

Numa questão, em que tinha antecipada certeza de ser forte e acintosamente guerreado, não deverei ter dado tanta margem ás protellações de todo o genero.

Pelo contrario; deverei antes queimar as pestanas para reduzir o projecto a dous ou tres artigos.

Porém dez??

Dez artigos em nove dos quaes, tem cada membro do Senado o direito de fallar duas vezes, isto é: o direito de fazer deztoito discursos, ... d'esses que estão agora em moda, e que durão tres, quatro e cinco horas, é demais!

Suppondo que o batalhão do Sr. Visconde de Itaboraí conte apenas seis praças em serviço activo (o que é pouco), teremos cento e oito estrindissimos exercicios, mais ou menos oratórios, por parte da opposição.

Dando que o Governo e seus amigos respondão á metade, apenas, d'esses exercicios, teremos *cincoenta e quatro* discursos a favor do projecto ministerial; os quaes, reunidos aos precitados cento e oito contra, prefezem a bagatella de *cento e sessenta e duas* arengas!!!

Ora, admitindo que se possa pronunciar tres por dia (o que é de todo ponto impossivel nas breves horas em que funciona a Camara Vitalicia) vñmos que serão precisos *cincoenta e quatro* dias uteis e de acurado labor, isto é: mais 2 mezes de prorrogação, para fazer passar em segunda discussão o projecto!!!

E a terceira discussão?

E os dias em que não houver *quorum* por causa do máo tempo?

A continuarem as cousas no mesmo pé não restará, por certo, ao Governo outro recurso, senão appellar para a proxima sessão.

E' triste dizê-lo; mas é a verdade.

O que mais dóe é que, depois dos luminosos discursos dos senhores Salles Torres Homem, S. Vicente, Zacharias e Silveira da Motta, não se adiantou uma idéa sequer. Repousou-se, tão somente o que estava dito e taes que dito.

E o governo e seus defensores tiveram de responder mais uma vez ao que já tantas hações respondido na outra Camara!

E os dias a passarem, a passarem!

Os honradissimos da Temporaria estão dando excellente cópia de si!

Dir-se-hia que não são Deputados senão para tratar da questão da emancipação, porquanto, approvado o projecto, nunca mais se reunirão em numero legal para haver sessão.

Nem um só dia, para salvarem as apparencias ao menos! Qual! Delaudarão-se logo como um bando de periquitos, ao primeiro tiro.

Entretanto ali ficarão sem solução alguns outros assumptos de muita importancia, a reforma da instrucção, por exemplo, que, tendo sido iniciada na ultima sessão, não voltou ao tapete este anno.

Porque?

Comprehenda-os quem puder; eu não posso, com franqueza e enufeseo.

Estalou a guerra entre duas grandes potencias, entre a Camara Municipal do Municipio Neutro, e a Companhia das Docas do D. Pedro II, representada por tres magnatas: o Sr. Conde da Estrela, o Sr. Visconde Lima e Silva Sobrinho e o Sr. Dr. José Machado Coelho.

A primeira escaramuça constou de um embargo, feito pela primeira, no dia da solemnidade inaugural das ditas docas, perante SS. AA. a Senhora Princeza Regente do Imperio e S'u Augusto Esposo o Sr. Conde d'Eu.

Rien que ça!

A segunda deu em resultado a prisão de quatro pobres operarios por estarem trabalhando nas obras embargadas.

Como se vê começou a cousa em um dyapason muito alto.

A aria de *sortita* (isto é: o embargo em presença das Augustas Personalgens) essa só um soprano *sfogatissimo*, *di primo cartello*, pôde cantal-a.

Por ella se avalia desde já o que serão as variações e os *tutti*, quando entrarem em jogo as grandes massas de vozes e a musica de pancadaria!

Ha-de ser lindo!... (para não dizer extremamente escandaloso).

Mas o que é verdade, e verdade superior a toda contestação, é que a razão está da parte da Camara Municipal.

Ao menos é o que parece, pelo que se tem fallado e escripto até hoje.

Não quer isto, porem, dizer que a referida Camara consiga al'ancar victoria. Não!

Pode muito bem acontecer que para ella tambem *rebeute a corda pelo mais fraco*.

Pode muito bem acontecer que as docas entoeem o hymno triumphal.

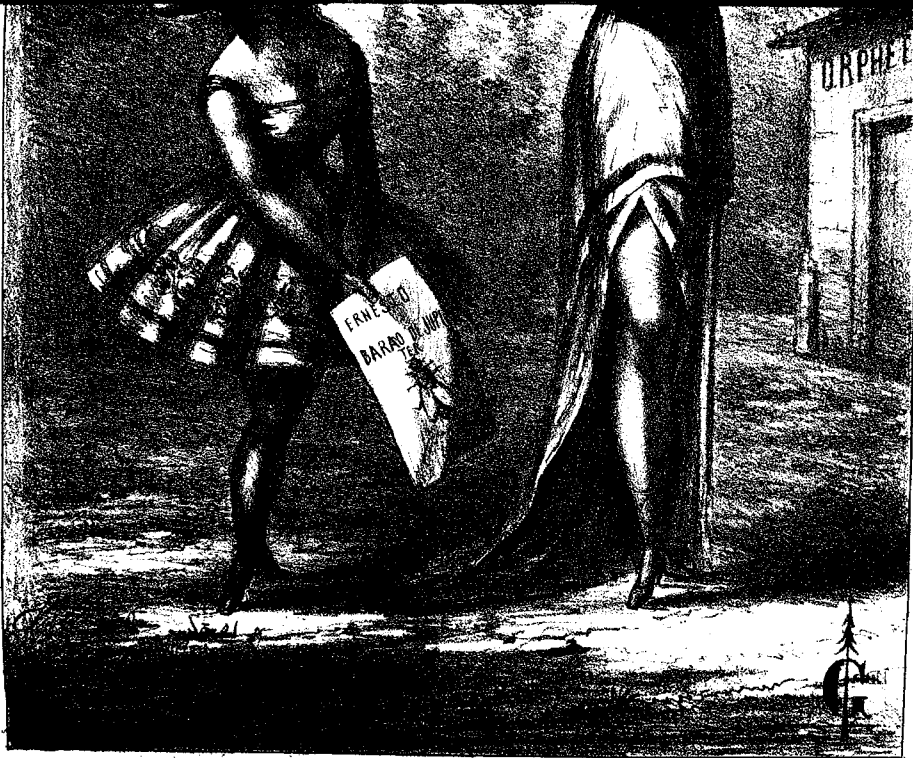
*Credo, quia absurdum!* E' preciso não esquecer que estamos no Brasil.

Pelos modos vao tambem haver discussão calorosa entre o engenheiro das mesmas docas (o Dr. André Rebouças) e os futuros engenheiros da Metropolitana (companhia que ainda não sahio do ovo, e que se propõe levar locomotivas e wagons por cima dos telhados no centro da cidade!)



*Album da "Vida Fluminense."*





*Entre les deux, moi, c'est la balance.*

segundo, especialmente, pode ser classificado entre os mestres da arte não só pelo modo porque se caracterisa, como pela pureza da sua dicção e fidelidade do seu gosto, nua e outra perfeitamente d'accordo com o typo repugnante do sacerdote hyprocrita.

Eduardo De-Martino, o pintor de episodios maritimos, cujo talento todos nós temos tido occasião de admirar por mais de uma vez, acaba de expôr no armazem do Sr. Moncalé, oito primorosas tolas, representando:

- a 1.ª — Esquadra ingleza depois do exercicio de fogo.
- a 2.ª — O navio inglez *Bombay* no porto do Rio de Janeiro.
- a 3.ª — Esquadra ingleza, bordejando perto de Stramboli.
- a 4.ª — O navio *Bombay* incendiado, no Rio da Praia.
- a 5.ª — A partida.
- a 6.ª — A chegada.
- a 7.ª — Em Montevideo. Effeitos da lua em noutro *pampero*.
- a 8.ª — Canhões arrancando os seus — Luziadas ao furor das ondas.

Vê-se, pela simples nomenclatura dos quadros, da quanta variedade de genero é capaz o pincel de De-Martino.

A julgar pelo seu caracter entusiastico, animação do gosto, e pasmosa verbosidade, julguei até hoje que Eduardo De-Martino fosse tão somente capaz de pintar furacões, bortascas ou batalhas navaes. Enganei-me redondamente.

O quadro, representando a *esquadra ingleza depois do exercicio de fogo*, onde ha effeitos de luz admiráveis, onde o sol da tarde vem projectar-se sobre o costado dos navios, illuminando uns, deixando na sombra as velas de outros, e mostrando em toda a sua fadade a placidez das aguas e os effeitos da calma, reallata o talento serio, estudo assiduo, reflexão aturada e outras qualidades que deveriam ser propriedade exclusiva dos caracteres sizados, mas que, á imitação de De-Martino, também se encontra nos animos juvenis.

Em relação ao quadro de *Canhões, só tenho duas palavras a dizer ao leitor: vale bem apenas ganhar dez minutos admirando aquelle verdadeiro primor, de concepção inspirada.*

Dos quadros de De-Martino passo ao ultimo serão da Philharmonica Fluminense, classificando-o entre os melhores a que tenho assistido nos salões d'aquella sociedade.

Não foi só, talvez, a escolha das peças, que contribuiu para a classificação que eu e outros muitos lhe deram.

A execução correspondeu á expectativa geral, o que foi provado pelo grande enthusiasmo dos espectadores, prodigos do applauso ao terminar de cada trecho componente do programma.

Em relação ao sexo forte, desta vez representado por alguns artistas do reputação feita, cumpre-me registrar o exito obtido pelo sympathico Forrantí nos tres duettos bullos que se prestou a cantar, a nitidez com que o Sr. Reichert executou na flauta uma fantasia da sua predilecção, o o optimo partido que, no duetto do Nabuco, soubo o Sr. Vieira tirar do seu alextrado órgão barytonal.

Tratando do sexo fraco, ou bello, como quizerem, permittam-me que eu cale nomes, sem me furtar comtudo ao desejo de felicitar, bem sinceramente, o Sr. Achilles Arnaud pelos progressos sempre crescentes das suas discipulas que, tanto as de piano como as de canto, souheram manter a reputação do distincto professor na altura a que, de ha muito, chegou entre nós.

Continuam a estar na moda as noites... equestres de Sr. Chiarini.

Além de outras novidades exhibidas durante a semana, tornou-se credor da admiração geral o novo trabalho de Theodoro Cuba que sobre seis cavallos em pelo faz o que eu não seria capaz de fazer sobre um só, embora sellado.

Se, por um lado, ha nos *Martyres* de Bonizetti trechos de indiscrível belleza, não é possível, pelo outro, conceder-lhe a igualdade de inspiração que se encontra na *Lucia*, na *Favorita*, ou n'outros produções do mesmo maestro.

Lançar mão d'esse *spartito*, tendo, além do que acima vai dito, a lutar com as reminiscencias de Tamberlych e de outros artistas, cuja impressão, embora longiqua, ainda se acha na memoria de todos, não me pareceu cousa de que a actual empreza lyrica pudesse tirar muito proveito.

Efectivamente não foi a tentativa corôada pelos melhores resultados... pecuniarios; e se, em relação ao desempenho da opera, não ha elogios que bastem para o modo consciencioso o verdadeiramente artistico por que a Sra. Posi cantou os trechos de que encaregou, força é confessar que os outros cantores, embora cheios de zelo e boa vontade, não conseguiram pôr-se ao nivel da gentil prima-donna, cujo talento se amolla facilmente a todos os generos de musica, sem que, por sua parte, um só *spartito* tenha até hoje soffrido revex entre nós.

Está annunciada para esta noite a estrêa da Sra. Siebs.

Da estreante — que segundo a opinião da imprensa argentina é uma das melhores cantoras que tem pisado os theatros das duas republicas — sei apenas que foi tres annos discipula do celebre Lamberti, mestre que só aceitava discipulas, quando o talento real e a vocação decidida lh'as apresentavam pela mão.

O methodo de canto da Sra. Siebs deve pois ser dos mais correctos e apurados, e se a voz conservar toda a sua frescura e vigor, não me parece duvidoso o triumpho da nova *prima-donna*.

A DE A.

## A noite das antigualhas.

(MEMÓRIAS DO SÉCULO PASSADO)

O meu amigo Campos tem sessenta e sete annos e nem um dente. E' alto, usa chinó, come por sobre-mesa apenas fillos de comadre, e bebe d'um velho Porto, que, segundo a sua phrasa pittoresca, foi engarrafado por Adão e Eva nas horas vagas do Paraíso.

Campos teve negocio de armarihu em boa época. Adquirio soffríveis cruzados e comprou uma caziuha terrea em S. Christóvão, onde mora, ha perto de vinte annos.

O meu amigo é homem de larga experiencia e de calças largas. No dia em que a moda fez circular nos uzos mundanos o feito do balão para a calça e para a saia, Campos, deu um pulo do contente e jurou aos seus penates ser fiel adepto da nova religião até á plena consummação dos seculos. Elle não diz propriamente consummação: diz « Consumição dos seculos ».

Campos nunca se casou. Era um severo observador das doutrinas de Balzac, e como não sabia francez, pediu a um amigo que lhe traduzisse as mais picantes partes da *Physiologia du Coquetterie*, que desde essa occasião, servio-lhe de Evangelho economico e espirital.

Imaginem que tal era o meu amigo Campos. Era um verdadeiro typo, digno de figurar na galeria dos *grotescos* ou nos fillos extravagantes dos encyclopedistas do seculo XVIII. Se Dédalot não houvesse escripto as *Jóias indiscretas*, o meu amigo Campos as escreveria com todo o sentimento e penetração analytica.

Conheci-o n'uma noite de partida ou de baile modesto, como queiram. Commemorava-se o anniversario natalicio d'um sujeito que tinha um dente mais do que o Campos e era menos velho dous, — isto é: dous annos menos velho.

O meu amigo prosegueu comigo durante a noite inteira. No vão d'uma janellinha que abria sobre o jardim, passavamos em revista os personagens bailantes, que cruzavam na proxima sala do baile.

Campos dizia-me:

— Veja como é ridiculo um divertimento d'estes! Dança-se aqui por obrigação; dança-se por dever, como nas partes officiaes se cumprimenta um ministro inglez que é um estroina, e um ministro americano, que nos mette as botas, d'ia e noite. Olhe aquelle sujeito de suíços e luneta no olho direito. Como sorri á dama! Não admira? Talvez cuide que se dirige á dama de o uros!

— Que!

— E' um jogador infame. Tem posto a fortuna do pai pela rua da Amargura; uma fortuna accumulada viutem por viutem, á custa dos mais pesados sacrificios! Estou a apostar em como a familia da moça com quem elle dança não o recebe em coza por indiguo!

— Será possivel?

— E' possibilissimo. O senhor é muito criauça ainda. Que idade tem o senhor?

— Vinte e cinco annos!

— Está nascendo agora, meu amigo. Creia que o baile, a partida, a *sorree* etc., etc., são laços perdidos estendidos no caminho da ignorancia e da innocencia. Uma incuina que se huerrosaria de apertar a mão a um sujeito, entrega-se-lhe desde os pés até á cintura quando toca-se uma valsa ou uma polka qualquer! O baile, meu amigo, é um insulto em lá sustenido ou em semi-colleddas! Com que facilidade o homem circumspecto, para quem a familia é coisa sagrada e pura, esquece os sentimentos e calla os preconceitos atravessando os salões illuminados d'uma noite de festal

— E o senhor não dança?

— Absolutamente nada; prefiro ser todo sem acompanhamento de orchestra. A existencia já é uma quadrilha constante e estúpida: os *ris-à-ris* é que variam: ás vezes apparece-nos a desgraça, ás vezes, Ora, deixemo-nos de toleimas! Vá bailar *à la la la la!* isto é bonito. Se eu fosse bailarino não perdia esta occasião!

— O-Si, Campos não tem familia.

— Tenho.

— Ah!

— Trus gatos e dous caes do ratos brancos. Não dançam!

— Como?

— Não dançam. Ainda não penetraram as sombras da sociedade e-le-gan-to.

— O senhor é d'umas theorias!

— Perversas. Acredito, Olho, diga-me uma couza:

— Frequenta os theatros da corte?

— O S. Luiz, o Gymnasio, o Pedro II, o Lyrico....

— Faz mal: frequente unicamente o Germano....

— O Germano?

— Sim, o theatro de S. Pedro d'Alcantara. Aquillo é um estudo.

O senhor gosta da numismatica?

— Assim; assim, Posso tres moedas chioezas e duas da Hollanda, antes da invaso de Pernambuco.

— O Germano é melhor do que tudo isso!

— Não graciejo!

— Não graciejo, não. Em vez do compular a historia dos povos e as suas moedas, compula o theatro S. Pedro, que foi quinquillo já em tres tempos, como valsa ingleza, e ainda dá espectaculos. Vamos juntos ao S. Pedro, uma d'estas noites?

Olhei vivamente para o homem. Guidei que me estivesse divertindo. Campos recebeu a descarga curiosa do meu olhar com uma impavidez de esphinge.

— Vamos ao theatro S. Pedro?

Respondi-lhe:

— Vamos.

D. BARTHOLO.

(Continúa.)

Typ. de CARLOS F. MUELLER, rua da Ajuda n. 16.



O autor do quadro da Batalha do Campo Grande.  
Ha quadros que valem batalhas.